

A Coluna do Kina

DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS: CHARLES PINCUS E EDWARD ANGLE

Impossible conversations: Charles Pincus and Edward Angle

Sidney Kina

Imagine: fim de tarde, um dia qualquer, início de 1930, o renomado ortodontista Edward Hartley Angle, o pai da ortodontia moderna (*the father of modern orthodontics*), encontra-se casualmente com Charles Leland Pincus, famoso dentista californiano conhecido como o dentista das estrelas (*dentist of the stars*), em um chique café nova-iorquino:

– Charles, você não acha que tem exagerado com essa coisa de estética?

– De forma alguma, Edward, estou resgatando algo que especialmente vocês “oclusionistas” colocaram em um plano inferior e sem importância.

– Não é bem assim, Charles. Apenas colocamos as coisas na ordem correta, como bem escrito por meu mestre e amigo Dr. Bonwill, em seu belíssimo trabalho *A articulação científica dos dentes humanos fundamentada nas leis geométricas, matemáticas e mecânicas*.

– Ora, Edward, você, mais do que eu, sabe que não deve dar crédito a uma coisa dessas. Apesar de, no título, estar escrita a palavra “científica”, ele simplesmente especula sobre misticismos.

– Misticismos?

– É lógico. Ele mesmo escreve coisas do tipo “eu vejo o trabalho de um grande Criador”, o “Arquiteto do Universo”, que teria elaborado a formação trípole da mandíbula, a qual é formada por um triângulo equilátero de quatro polegadas, o que determinaria como os dentes devem se articular...

– E você acha que isso está errado?

– Edward, esse conceito é baseado na Analogia do Relojoeiro,* que, você bem sabe, foi criada no século XVII, numa tentativa de explicar a estrutura do universo e do ser humano e sua relação com Deus, tornando-se o dogma central da teologia natural.

– Charles, você não acredita em Deus?

– Edward, por favor. O que quero dizer é que não podemos ficar misturando religião e ciência. Por exemplo, se você deu uma olhada em *A origem das espécies*, de Darwin, pode entender que somos todos projetos inacabados em constante mutação, melhorando geração a geração, por meio da seleção

natural. Nessa altura do campeonato, indagar que somos projetos concebidos por um arquiteto divino, forçados em um molde preestabelecido, é um retrocesso.

– Está bem, Charles, não vou ficar discutindo isso com você, mas entenda que sua descrença não altera o conceito de que a oclusão ideal é a base primária do sistema de saúde estomatognático, sendo, portanto, o principal objetivo a ser perseguido por nós, odontólogos.

– Edward, em nossa constante busca pelo conhecimento científico, no que diz respeito à perfeição do aparato mastigatório, com relação ao desenvolvimento de articulações que produzem cada movimento envolvido em uma “*gnatho* dinâmica normal”, a odontologia tende a pensar somente em articulações e funções, e dá pouca atenção à estética adicionada à boa medida. Eu não desejo diminuir o zelo em obter a tão importante oclusão equilibrada, mas deveríamos sempre ter

em mente que estamos lidando com órgãos que podem mudar completamente a personalidade visual de um indivíduo, e, dessa monta, é um objetivo tão louvável quanto a oclusão ideal. Aliás, Edward, se não estou enganado, foi você quem começou com essa coisa de oclusão ideal, não foi?

– Foi, e tenho maior orgulho disso, caro Charles, pois somente podemos determinar e diagnosticar patologias oclusais se existir um padrão de normalidade.

– Eu concordo com você, entretanto, eu não entendo como podemos determinar um padrão oclusal “normal”, numa variedade de bilhões de seres humanos, com uma diversidade de etnias.

– Charles, definitivamente, você foi contaminado por esse tal de Darwin. Entenda, a natureza tem um plano específico e muito bem arquitetado, que pode ser claramente notado no poder dos números, proporções e formas geométricas dispostas nela. Observe como, no aparato estomatognático perfeito, a cúspide mesiovestibular do primeiro molar superior oclui no sulco vestibular do primeiro molar inferior, criando o que eu chamo de “chave de oclusão”. Quando essa chave está presente, associada a uma linha de oclusão, representada por uma curva



catenária suave, posso lhe afirmar que estamos diante de uma oclusão ideal.

– Edward, acho temerária essa sua conclusão a respeito de uma oclusão ideal. Ao concebê-la, você percebe que condena à maloclusão todo e qualquer desvio de padrão?

– Isso me parece lógico, Charles. Como já conversamos, essa é a ideia.

– Sabe Edward, acho que uma definição definitiva e clinicamente precisa sobre oclusão ideal e consequentemente maloclusão não existe. Desculpe, mas creio que, para definir um padrão, seria necessário descrever e quantificar uma variação muito grande de casos clínicos.

– E o que você sugere, querido Charles?

– É certo que o grau de interferência dentária na função ou aparência pode resultar da oclusão imperfeita ou “anormal”, entretanto, acho que isso poderia ser determinado somente em relação aos sintomas, e não pelas variações ou sinais morfológicos, como é a causa de todos os índices atuais de maloclusão e tratamento ortodôntico.

– Você sugere uma individualização? Isso é impossível.

– Não é simplesmente uma individualização, Edward. Precisamos sim criar parâmetros para poder montar um diagnóstico, entretanto, eles seriam apenas norteadores, enquanto o diagnóstico final deve ser acrescido das características individuais de cada um. Acho que nós, dentistas, precisamos colocar os tratamentos dentários dentro da perspectiva científica apropriada, focando os benefícios do tratamento no seu amplo sentido, indo além da ilusão da perfeita e imutável oclusão estável.

– Sabe, Charles, talvez você tenha razão. Suas reflexões abrem uma série de dúvidas nas minhas convicções, o que inclusive faz meu pensamento se voltar aos seus. Nos seus estudos, você tem buscado de forma incessante padrões que possam descrever a beleza das coisas, algo como uma estética universal...

– Touché, Edward! Você tem toda razão. Estamos todos à procura de um padrão mágico, que possa servir como solução para todos os problemas e irregularidades. Será que é possível?

– Sabe, Charles, sinceramente, eu não sei, mas é certo que, no futuro, quando houver respostas para essas indagações, pode ter certeza de que, certos ou errados, nossos esforços vão ser corresponsáveis por elas. Quem sabe? Seguramente, se o mundo não acabar, creio que, lá pelos anos 2000, essas questões já estarão todas resolvidas.

– Seguramente, Edward, nos anos 2000, a odontologia já deverá ter resolvido todas nossas dúvidas de hoje. Os dentistas do futuro darão risadas de nossas questões primárias. Ah, como eu gostaria de dar uma espiadinha nas respostas... e, quem sabe, dar uma voltinha nos carros voadores.



NOTA

Esta coluna é inspirada na última obra de Luís Fernando Verissimo: *Diálogos impossíveis* (Objetiva, 2012) e, lógico, não passa de pura ficção. Entretanto, apesar do devaneio, todas as colocações expressas na forma de diálogo foram retiradas de artigos e editoriais escritos pelos dois grandes personagens ou referentes a eles.

* A analogia do relojoeiro consiste na comparação da complexidade da natureza que nos rodeia com um relógio: ao observar este, conclui-se que sua complexidade é indício da existência de um ou vários desenhistas; em consequência, o universo também foi criado por um desenhista. Esse é um argumento teológico, por meio do qual se tenta demonstrar que o universo foi criado por uma inteligência superior (como Deus). A analogia é usada para sustentar alguns argumentos teológicos, mas passou a ser menos utilizada desde a descoberta da seleção natural por Charles Darwin e seu fantástico *A origem das espécies* (*The origin of species*), que já foi definido como o livro mais influente depois da Bíblia.

PARA SABER MAIS:

- Ackerman JL, Ackerman MB, Kean MR. A Philadelphia fable: how ideal occlusion became the philosopher's stone of orthodontics. *Angle Orthod.* 2007 Jan;77(1):192-4.
- Bonwill WGA. The scientific articulation of the human teeth as founded on geometrical, mathematical and mechanical laws. *Dent Items Interest.* 21(9):617-36, 1899.
- Isaacson RJ, Christiansen RL, Evans CA, Riedel RA. Research on variation in dental occlusion; a "state-of-the-art" workshop conducted by the Craniofacial Anomalies Program, the National Institute of Dental Research. *Am J Orthod.* 1975 Sep;68(3):241-55.
- Pincus CL. Building mouth personality. California: California State Dental Association; 1937.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br